



BARRICADA DE ESTUDANTES



(CARTAZ COLADO NA EBA)

Em respeito aos estudantes que moram longe e/ou querem aderir à greve, realizaremos piquete amanhã na EBA. Lembrando que tanto a decisão da greve quanto a decisão do piquete foram deliberadas nas diversas assembleias que fizemos ao longo do período.

Avisem os seus professores que não haverá aula e que não adianta irem para lá tentar nos convencer a abrir, pois as decisões coletivas são soberanas. Para os estudantes que precisam acessar os andares por conta dos laboratórios e salas de extensão, pedimos que entrem em contato conosco para que possamos organizar a entrada.



FOTOS: RENAN FERNANDES



CRISE NA EBA ANTECIPA GREVE DE ALUNOS E PREOCUPA PROFESSORES

> O DCE Mário Prata tem indicativo de greve geral dos estudantes marcado para o dia 11, mas sérios problemas nas instalações da Escola de Belas Artes anteciparam o movimento. Nesta semana, alunos ergueram barricadas para impedir as aulas. A estratégia divide docentes. Alguns concordam, outros se sentem intimidados. A direção da EBA tentará mediar um consenso em reunião nos próximos dias.

Páginas 4 e 5

PREOCUPAÇÃO DE PROFESSORES

(Trechos de carta dos professores do Departamento de Artes Ambientais encaminhada à direção da Escola de Belas Artes e aprovada por unanimidade pelos docentes.)

- Professores estão sendo impedidos de acessar as salas de aula e laboratórios, bem como se movimentar nos corredores do 6º e 7º andares para realização de suas atividades.

- Há relatos de professores que foram hostilizados, simplesmente por estarem no seu dever de exercer seu ofício.

- Impedir acesso ao ambiente de trabalho com barricadas e agressão verbal configura desacato ao servidor público.

- O corpo docente tem o dever de estar em sala para realizar suas atividades, ou, pelo menos, estarem disponíveis para elas com o direito de trabalharem em ambiente digno.

- Os docentes acreditam no diálogo como a melhor solução.

DOIS MONUMENTOS E MUITA HISTÓRIA

Visita aos palácios Tiradentes e Pedro Ernesto, no Centro do Rio, integrou a agenda de roteiros histórico-culturais da AdUFRJ. Próximo passeio é dia 22

RENAN FERNANDES
comunicação@adufrrj.org.br

História, arte e arquitetura deslumbraram os docentes em mais um passeio organizado pela AdUFRJ. No dia 24 de maio, os filiados puderam visitar os palácios Pedro Ernesto — que sempre sediou a Câmara Municipal — e Tiradentes, da Assembleia Legislativa do estado. Foram os primeiros prédios erguidos na cidade com o objetivo de abrigar parlamentos.

Conduzidos pelo guia Douglas Libório, historiador formado pela UFRJ, os professores ouviram histórias e curiosidades dos dois lugares, que são separados por apenas um quilômetro, no Centro do Rio. “O ano de 2024 marca os 200 anos da primeira Constituição do Brasil, que instituiu o parlamento bicameral no país. Construir uma ponte entre os dois prédios é uma forma muito significativa de entender o protagonismo do Legislativo na história brasileira”, destacou Libório.

Os professores ficaram sabendo que o Pedro Ernesto — construído entre 1918 e 1923 —, foi projetado por um antigo colega, que não chegou a ver a conclusão do palácio. O arquiteto Heitor de Mello, docente da Escola Nacional de Belas Artes — nome anterior da Escola de Belas Artes da UFRJ —, morreu em 1920. A construção ainda sofreu com uma forte crise inflacionária provocada pela Primeira Guerra Mundial, o que elevou os custos da construção. Além disso, a pandemia da gripe espanhola que chegou ao Brasil em 1918 resultou em greves contra as condições insalubres de trabalho.

A combinação entre os custos elevados e o tamanho do palácio, considerado pequeno quando concluído, deu origem a um apelido pejorativo que caiu no gosto da população carioca da época. O pomposo Palácio Pedro Ernesto ficou conhecido como a “gaiola de ouro”. A professora Deise Vianna Miranda, do Instituto de Física, destacou a parte histórica e política do passeio. “A gente se envolve com a discussão política, mas ver onde as coisas aconteceram é muito bom. Entrar no plenário é impactante”, disse.

PALÁCIO TIRADENTES

Também o Palácio Tiradentes tem a contribuição da UFRJ na sua origem. O projeto foi de autoria de Arquimedes Memória,



FOTOS: FERNANDO SOUZA

INFORMAÇÃO Guia Douglas Libório apresentou dados e curiosidades das duas edificações



ENCERRAMENTO do passeio aconteceu no Palácio Tiradentes

que se tornaria diretor da Escola Nacional de Belas Artes.

O prédio não agradou a todos. A crítica alimentada por arquitetos modernistas era direcionada ao estilo repleto de anacronismos, com inspirações greco-romanas. Por exemplo, a escultura do Marechal Deodoro da Fonseca, que representa a proclamação da República no topo do prédio, traz o primeiro presidente do Brasil vestido como um imperador romano. Não à toa, o palácio ganhou o apelido de “carro alegórico”.

Construído em 1926, o prédio foi sede da Câmara dos Deputados do Brasil até 1960. Foi batizado Tiradentes apenas em 1936 por Getúlio Vargas, quando o

presidente ordenou a exumação dos inconfidentes. O palácio foi construído no local onde funcionou a Cadeia Velha, lugar onde Tiradentes passou os últimos dias antes de ser executado. A professora Marleide da Mota Gomes, da Faculdade de Medicina, elogiou a condução da visita por Douglas Libório. “Gosto de história, gosto de arte e a correlação que o professor Douglas criou entre os temas foi muito rica. A abordagem historiográfica no contexto social, econômico e cultural me agradou muito”.

No lado de dentro do edifício, o acervo de obras exposto nos corredores e salões encantou os docentes. Logo ao lado da escadaria principal, desponta a

pintura mais antiga do acervo, do século XVIII: um retrato do Conde de Bobadela, governador do Rio entre 1733 e 1763.

A obra, de autoria de Manuel da Cunha, é uma das muitas elaboradas pelo talento artístico de pessoas negras e expostas nos dois prédios. O Palácio Pedro Ernesto guarda um grande painel do século XIX de Firmino Monteiro, artista que trouxe elementos de modernização na arte brasileira com traços do impressionismo. No Tiradentes, o teto do salão nobre foi pintado pelo neopressionista João Timotheo da Costa.

A professora Patricia Almeida, da Faculdade de Letras, fez sua estreia em um passeio da AdUFRJ e saiu impressionada com o acervo artístico dos palácios. “Apesar de ser carioca da gema, aprendi coisas novas com o historiador. Adorei as obras artísticas do Pedro Ernesto. Algumas eu não conhecia e foi uma ótima oportunidade de ver ao vivo”, celebrou.

E os passeios do sindicato são ótimas oportunidades para encontrar colegas de diferentes áreas. “É importante incluir professores aposentados e da ativa em atividades de acolhimento e proporcionar momentos de reflexão” afirmou a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart.

ATENÇÃO, PROFESSORES!

O próximo passeio acontecerá em 22 de junho. Será uma visita ao maior museu de história do Brasil, o Museu Histórico Nacional, na Praça Marechal Âncora, no Centro. As inscrições serão realizadas na semana do encontro pelo e-mail adufrrj@adufrrj.org.br.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Mariane no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO



IBEU



CLUB PET



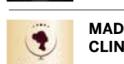
MAPLE BEAR TIJUCA



MIT CUIDADORES



ACADEMIA TIJUCA FIT



MADONA CLINIC



PSICARE



FISIOTERAPIA RJLTD



CRECHE AMANHECENDO



CRECHE ESCOLA RECRIAR



CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS



ROÇA URBANA ORGÂNICOS



JC LUZ CORRETORA



FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL



BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS



ESCOLA ALFA



CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL



HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR



MAIS FITNESS ACADEMIA



CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA



RIO DE JANEIRO E MACAÉ



INSPIRE ENERGIA SOLAR



KALUNGA PAPELARIA



DROGARIA RAIA

Greve nacional de docentes entra em semana decisiva

> Reuniões nos dias 10, 11 e 14 vão delinear os rumos do movimento paredista, prestes a completar dois meses. Na Justiça, segue a batalha pela validação ou não do acordo assinado com o Proifes

ALEXANDRE MEDEIROS
comunicação@adufrrj.org.br

Três reuniões previstas para a semana de 10 a 14 de junho podem definir o futuro da greve dos docentes federais, iniciada em 15 de abril. São 62 IFES paralisadas em todo o país (veja quadro abaixo). A primeira delas, logo na segunda-feira (10), foi convocada pelo presidente Lula e pode contemplar uma reivindicação não apenas das entidades representativas da categoria, mas também dos reitores das universidades federais: a recomposição orçamentária. A expectativa é que Lula anuncie a liberação de verbas e, com isso, ponha água na fervura da greve nacional da educação.

A segunda reunião, na terça-feira (11), não tem a ver diretamente com a pauta de reivindicações dos docentes. Trata-se da 6ª mesa específica temporária dos trabalhadores técnico-administrativos em educação (TAEs). O encontro foi convocado pelo MGI. Três entidades representativas dos trabalhadores federais

em educação — Andes, Sinasefe e Fasubra — têm um pacto político de manter docentes e técnicos mobilizados de forma conjunta, e com isso pressionar o governo a negociar. O lema desse pacto é “Sem TAEs não tem acordo”.

O encontro mais cercado de expectativa é o de sexta-feira (14) no MEC. Agendado a contragosto pelo governo, que já pontuou ter chegado ao limite na proposta salarial aos docentes, é uma “rodada extra” de negociação, na qual Andes e Sinasefe tentarão pressionar para ter algum reajuste em 2024 — o MGI sinalizou com zero por cento para este ano. Há também a previsão de que o MEC avance em questões não econômicas, como a revogação da portaria 983/2020 — que ataca o tripé ensino, pesquisa e extensão e estabelece o ponto eletrônico para a carreira EBTB.

Na quarta-feira (5), os professores da UFMG decidiram encerrar a greve depois de 51 dias de paralisação. As aulas serão retomadas na próxima segunda-feira (10). Foram 201 votos pelo fim da greve, 179 pela continuidade e 16 abstenções. Para



o diretor de Assuntos Educacionais do Magistério Superior do Proifes, Geci Silva, o acordo da UFMG pode simbolizar um esgotamento dos docentes com a greve. “O pessoal mais sensato vai cansando e acaba criando força para ir na assembleia e aguardar todas as oratórias sem fim para votar”, acredita Geci.

BATALHA JURÍDICA

Em um circuito paralelo aos encontros em Brasília, a disputa judicial em torno do acordo assinado entre o governo e o Proifes no dia 27 de maio promete agitar a semana. Anulado em

secreta, expressa uma atitude antidemocrática e antissindical do governo”.

No agravo, a federação sustenta que tem legitimidade para participar das negociações e assinar acordos: “Impedir a participação do Proifes nas negociações e, por conseguinte, na assinatura de Termo de Acordo, significa deixar à margem do processo de negociação, que é coletivo e democrático, milhares de servidores que não se sentem representados pela Andes”.

O Proifes alega que vem participando das mesas de negociação desde 2006, e que assinou todos os acordos desde então, sendo três deles como única entidade sindical, em 2007, 2012 e 2015. Segundo o diretor de Assuntos Jurídicos do Proifes, Osvaldo Negrão, o Andes promove uma ação judicial coordenada de suas seções sindicais para contestar o acordo. Foram 16 ações ajuizadas — só a de Sergipe obteve liminar. Negrão lembrou ainda que, mesmo sem acordo assinado, o governo pode levar a proposta, no formato de PL, para apreciação no Congresso Nacional.

QUADRO ATUALIZADO DAS FEDERAIS EM GREVE

NORTE (8)

UFPA
UFOP
UFRA
Unifesspa
UFAC
UFRR
UNIR
Unifap

NORDESTE (18)

UFAL
UFOB
UFAPE
UFBA
UFRB
UFSB
UFC
UFCA
Unilab
UFMA
UFPB
UFPE
UFRPE
UFPI

IFPI

UFRN
UFS
IFS

SUL (9)

UFPR
UTFPR
UFMS
Unila
IFRS

IF Sul

FURG
UFPeI
UFSC

SUDESTE (19)

UFES
UFJF
UFOP
UFV
UFSJ
Unifesp
UFU
UFVJM
IF Sul de Minas

UFLA

IF Sudeste MG
UFABC
UFSCar
UFRRJ
Unirio
UFF
UFTM
CEFET MG
CEFET RJ

CENTRO-OESTE (8)

UFG
UFT
UFR
UFMT
UFMS
UFGD
UnB
UFCAT

TOTAL: 62 instituições em greve

FONTE: Comando Nacional de Greve do Andes-SN

DEBATE NO SBT NEWS EXPÕE DUAS VISÕES SOBRE A GREVE

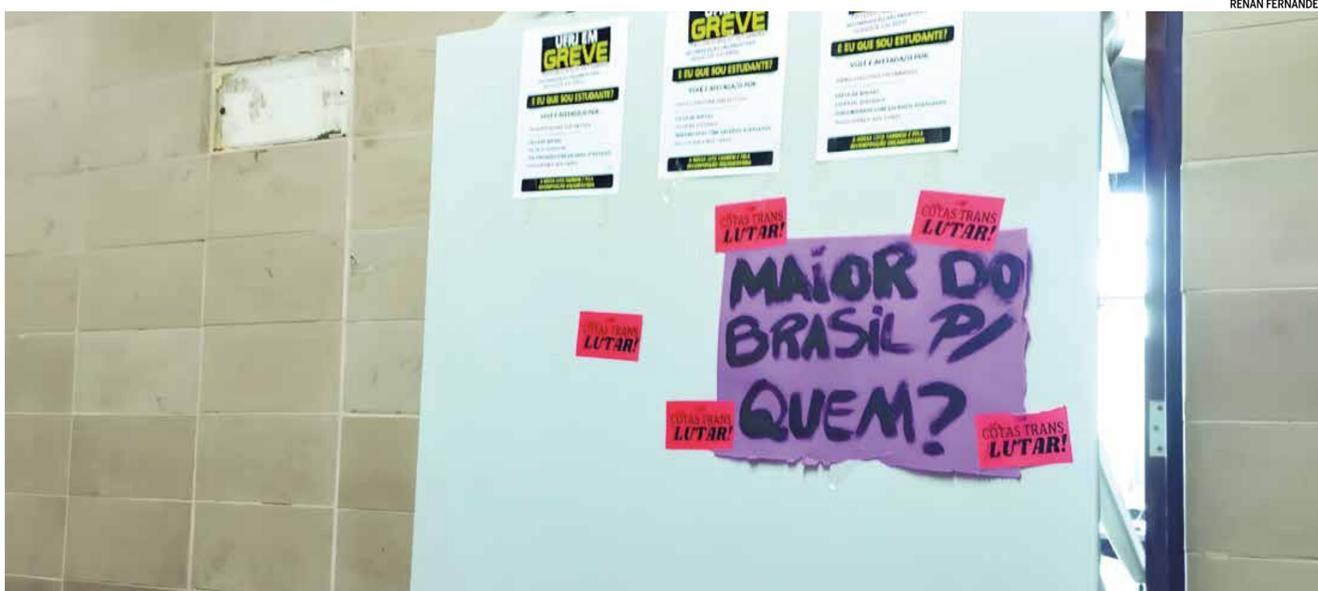
A campanha salarial e o movimento grevista dos docentes federais foram os temas do programa Poder Expresso, do canal SBT News, na terça-feira (4), que reuniu os professores Gustavo Seferian, presidente do Andes-SN, e Mayra Goulart, presidenta da AdUFRJ. Seferian defendeu a manutenção da greve que já dura quase dois meses. Já Mayra ponderou que as universidades foram duramente atacadas durante o governo Bolsonaro e que, neste momento, é preciso resgatar o papel das instituições públicas de educação junto à sociedade.

Ao ser perguntado pelo apresentador Leo Cavalcanti sobre a ausência de greves docentes nos quatro anos do governo anterior, o presidente do Andes lembrou que, no 39º congresso da entidade, no início de 2020, a greve estava no horizonte da categoria. “Naquele momento, nós apontamos a necessidade de construção de uma greve nacional por melhores salários e pelo ‘fora, Bolsonaro’! Mas logo depois veio a pandemia da covid-19 e tudo parou”, recordou.

Seferian disse que a greve atual não prejudica os estudantes. “O que atrapalha os estudantes é o congelamento dos investimentos

nas IFES. Há prédios ruindo, com ventiladores caindo na cabeça dos estudantes, como no IFCS da UFRJ, onde trabalha a professora Mayra. Reitores colocam que, sem investimentos, as universidades não chegam a setembro. Precisamos de recomposição orçamentária para pagar contas de luz e água, contratos de terceirizados e até as bolsas estudantis”.

A professora Mayra Goulart concordou com a necessidade de complementação orçamentária para as IFES, mas discordou quanto à eficácia da greve. “Não estamos em um contexto confortável ou suficiente para fragilizar o governo e nem para tensionar nossa relação com a sociedade civil. A gente tem que abrir as portas das universidades e mostrar à sociedade os motivos pelos quais precisamos de mais recursos”, disse ela. E completou: “O prédio do IFCS, onde eu leciono, está caindo aos pedaços e estamos fazendo o possível para formar alunos excelentes ali, para que eles devolvam o que estão aprendendo à sociedade. Precisamos de recursos, mas vamos batalhar por eles de portas abertas, convencendo a sociedade de que ela precisa acreditar na universidade pública”.



RENAN FERNANDES

EM GREVE, ALUNOS DA EBA ERGUEM BARRICADAS

> Professores e estudantes concordam que prédio está caótico, mas discordam sobre estratégias de mobilização. Greve geral também não é unanimidade entre estudantes de outros cursos

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Há um consenso na Escola de Belas Artes: assim não dá para estudar. Mas as estratégias encontradas para a greve estudantil dividem a comunidade acadêmica da EBA. Não há dúvidas sobre a justiça das reivindicações, que passam por melhoria da infraestrutura, climatização das salas, papel higiênico, água. Seria o básico, não fossem as condições tão precárias do prédio e o orçamento insuficiente. Sem aguentar mais, os estudantes da EBA decidiram antecipar a greve estudantil, marcada para o dia 11 de junho, e montaram barricadas para impedir as aulas.

“A gente considera que o diálogo não estava existindo, por isso a gente partiu para a greve”, contou a estudante Laura Luz, do Centro Acadêmico da EBA. Ela estava tomando conta de uma barricada no quinto andar do edifício Jorge Machado Moreira, na quinta-feira (6). Mesas e cadeiras empilhadas impediam a passagem para o corredor de salas de aula e laboratórios. Enquanto esteve no prédio, a reportagem só viu movimentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. O prédio estava esvaziado de estudantes e professores da EBA.

Laura justifica que a greve também foi decidida para co-



SILVANA SÁ

locar a UFRJ no movimento grevista nacional. “São mais de 50 universidades em greve. Para a gente não faz sentido que a UFRJ, que é a maior universidade do Brasil em número de estudantes, não aja de tal maneira. A universidade vive uma situação absurda, tem a metade do orçamento que já teve anos atrás. A gente precisa se posicionar”.

Em duas assembleias convocadas pela AdUFRJ em 5 de abril e 10 de maio, os professores da UFRJ, por larga maioria, decidiram não entrar em greve.

O acesso fechado aos laboratórios, salas e corredores da EBA

desrespeitam o direito de ir e vir de uma categoria que decidiu não aderir à greve nacional: os professores. “Eu me sinto indignado e muito desrespeitado”, critica o professor Gilberto Oliveira, do Departamento de Artes Ambientais. “Nós estamos no mesmo barco. Não existe professor contra aluno, mas nós, como categoria profissional, não estamos em greve. Nosso dever constitucional é estar em sala de aula. Nosso calendário não está suspenso”, justifica o docente.

A indignação é o ponto de partida de uma carta escrita em consenso pelos professores do

departamento e enviada na manhã de sexta-feira (7) à direção da Escola. No texto, os docentes relatam situações vexatórias, falam da animosidade a que estão submetidos e pedem uma reunião com a direção da EBA com expectativa de chegarem “a uma solução com condições para a conclusão do período acadêmico”.

Sem conseguir acesso aos seus materiais de trabalho, o professor Gilberto tem sido questionado por seus estudantes, que são formandos, sobre como será a continuidade do semestre. Falta apenas um mês para as aulas

acabarem. “Estou tentando ver com outras unidades se é possível me emprestarem uma sala para que eu termine de dar o conteúdo que esses estudantes precisam. Meus alunos estão se formando e eu não estou conseguindo dar a carga horária que eles precisam para terminar o curso. Estou sem norte”.

O clima de hostilidade e medo é real e sentido por muitos docentes que preferiram não se identificar para a matéria ou optaram por não dar seus depoimentos à reportagem para evitar algum tipo de represália. “Fiquei impedido de acessar minha sala de trabalho. Eles não têm esse direito. É uma situação bem tensa, bem conflituosa. Os estudantes passaram dos limites e me parece que eles sabem que passaram, pois não estão publicando em suas redes os bloqueios realizados”, aponta um docente que preferiu não se identificar.

“O calendário não está suspenso. A gente tem que dar aulas”, aponta outro professor que também pediu para não ser identificado. “Nossa carga horária precisa ser cumprida, porque nossa categoria não está em greve”. O docente também questiona a pauta de reivindi-



FOTOS: RENAN FERNANDES

ações. “É uma ação criminosa, porque infringe o Artigo 331 do Código Penal. Não se pode impedir um servidor de exercer sua atividade profissional”, alega o docente. “Também fere o Artigo 5º da Constituição, do direito de ir e vir”.

O clima de hostilidade e medo é real e sentido por muitos docentes que preferiram não se identificar para a matéria ou optaram por não dar seus depoimentos à reportagem para evitar algum tipo de represália. “Fiquei impedido de acessar minha sala de trabalho. Eles não têm esse direito. É uma situação bem tensa, bem conflituosa. Os estudantes passaram dos limites e me parece que eles sabem que passaram, pois não estão publicando em suas redes os bloqueios realizados”, aponta um docente que preferiu não se identificar.

“O calendário não está suspenso. A gente tem que dar aulas”, aponta outro professor que também pediu para não ser identificado. “Nossa carga horária precisa ser cumprida, porque nossa categoria não está em greve”. O docente também questiona a pauta de reivindi-

cações. “Não há dúvidas de que são justas, mas parecem difusas. Não há um objeto claro de negociação. É muito mais para apoiar a greve nacional”, avalia.

Outros docentes apoiam o movimento estudantil. “A greve é legítima. A universidade pública vem sendo dilapidada há décadas e a situação se acentuou nos últimos oito anos. Há 50 anos fomos jogados num prédio que não foi feito para nós. Fomos nos adaptando, mas isso tem um preço. Chegamos a um ponto insustentável”, argumenta o professor Marcelo Silveira, do Departamento de História e Teoria da Arte.

Apesar de apoiar os estudantes, o docente aponta uma contradição da greve estudantil. “Ao mesmo tempo que há disposição para se mobilizar, há um enorme esvaziamento do prédio, talvez pela própria localização do campus”, argumenta. “Então fica uma greve meio torta. Sem tanta adesão, o que sobra é o bloqueio das salas”, ele acredita. “Existem dois mundos: um do profissional que está sendo pago para realizar o seu trabalho e outro dos que recebem esse serviço”, expressa. “Como se dará

essa relação?”, questiona.

Em defesa dos estudantes, a professora Graça Lima, do Departamento de Representação da Forma, acredita que a greve é um processo pedagógico e que o diálogo é o melhor caminho. “Esse é um processo democrático e educacional. A gente devia dar graças a Deus porque eles acordaram dessa situação insustentável. A universidade é deles”, afirma. “Eles fizeram barricadas, xingaram professores. Está certo? Não. Mas foi a forma que eles encontraram de serem ouvidos”.

Diretora da EBA, a professora Madalena Grimaldi tenta o diálogo. “A direção não apoia barricada de maneira nenhuma, mas também não apoia a violência para a retirada. Chamar segurança para acabar com as barricadas é um ato de violência e nós também não coadunamos com isso”, diz a diretora. “A gente está apostando no diálogo e no processo pedagógico. Por isso decidimos esperar a terça-feira, dia 11”, explica a professora Madalena. “Todos nós queremos o bem da UFRJ. A questão é o limite dessa manifestação. Em alguns momentos há, sim,

alguns excessos por parte dos discentes”, reconhece a diretora. Após a assembleia do DCE do dia 11, a diretora irá se reunir com o CAEBA e depois agendará uma reunião aberta a todo o corpo social da escola. “É uma situação delicada, constrangedora para os docentes e difícil de mediar, mas estamos tentando”.

ESTUDANTES CONTRA GREVE

Na semana passada, uma assembleia do DCE decidiu pela greve geral estudantil a partir do dia 11 de junho. Mas muitos estudantes questionaram o esvaziamento do espaço de deliberação e passaram a realizar consultas nos cursos para ampliar o debate estudantil. No curso de Contabilidade, 72% disseram não à greve. “Foi uma consulta eletrônica de uma semana. Conseguimos 269 respostas majoritárias contra a greve”, conta a estudante Lúcia Vieira, diretora do CACont. “A maior parte dos alunos do nosso curso já começa estágio no terceiro período e precisa da bolsa para ajudar suas famílias. Para a maioria, terminar o semestre é uma questão de sobrevivência e isso não foi considerado pelo DCE”, completa o estudante Reinaldo Silva, também diretor do CA.

Na Faculdade de Direito, o plebiscito teve a participação de 880 estudantes. Desse, 700 não acreditam que seja o melhor momento para a greve. “Nossa preocupação foi ouvir o máximo de estudantes porque a gente não quer se afocar de uma representação efetiva”, observa Renan Charnoski, do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira (CACO).

Daniilo Ponciano, do CA de Economia, conta que será feita neste fim de semana uma consulta via formulários aos estudantes e acredita que a maior parte também será contra a greve. “Ir para assembleia levantar a mão não é suficiente, porque 250 alunos não podem definir o futuro de 60 mil. Além disso, não tem sentido uma greve estudantil a um mês do encerramento do período”.

A movimentação autônoma de centros acadêmicos levou o DCE a realizar uma votação em urna nos restaurantes universitários na sexta (7) e na segunda (10). O resultado da consulta embasará a discussão na assembleia do dia 11. Perguntada se o resultado pode mudar a deliberação sobre a greve, tomada na última assembleia, a estudante Giovanna Almeida, coordenadora do DCE, afirma que sim, mas que a decisão será tomada durante a assembleia do dia 11. “A consulta vai ser um elemento para a decisão da assembleia, que será simultânea na Praia Vermelha, Macaé e Fundão”, conta. “A greve foi uma unanimidade entre quem estava presente na última assembleia e também foi pensada para mostrar solidariedade aos cursos que já estão em greve, como os da EBA, Dança, Educação Física, IFCS”.

GREVE NACIONAL

No quadro nacional, a greve das universidades federais ganha contornos curiosos: conseguiu apoio da ala bolsonarista no Congresso Nacional e repercussão nas redes de ninguém menos que Jair Bolsonaro.

Presidente da Comissão de Educação da Câmara, o deputado Nikolás Ferreira (PL-MG) convocou um a audiência para discutir a greve nacional e um grupo de trabalho que irá se debruçar sobre as demandas dos grevistas. A mesma comissão convocará a ministra da Gestão Esther Dweck, professora do Instituto de Economia da UFRJ, a comparecer no dia 26 para explicar o andamento das negociações com o funcionalismo.

Em paralelo, o presidente Lula se reunirá com os reitores das universidades federais. Na pauta, o anúncio de novas verbas para as instituições de ensino superior (veja mais informações na matéria da página 3). Será que o Andes, que afirma que o movimento e as negociações são por orçamento, vai encaminhar o fim da greve? A ver.



Em um ano, mais 162 leitos para os hospitais da UFRJ

> Promessa de ampliação do atendimento e de investimentos na infraestrutura foi feita no ato de assinatura do contrato de adesão da universidade à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

O Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, o IPPMG e a Maternidade Escola terão mais 162 leitos e novos 764 profissionais, dentro de um ano. O anúncio aconteceu durante a cerimônia de assinatura do contrato de adesão da UFRJ à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH), na quinta-feira (6), em Brasília (DF).

“O desafio será retomar os tempos dourados da UFRJ, que é liderança do ponto de vista de formação. Trazer a UFRJ para a EBSERH é impactante para nós e é impactante para a UFRJ”, afirmou o presidente da estatal, Arthur Chioro.

O dirigente apresentou o plano para os primeiros cem dias de gestão das três unidades hospitalares, com destaque para a recuperação da infraestrutura e a compra de suprimentos. “Vamos fazer uma rápida contratação de um escritório de projetos para a gente poder se dedicar à recuperação predial e à revitalização dos edifícios hospitalares, execução do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) e demais investimentos”, disse.

Novos suprimentos chegarão aos hospitais em dois meses, de acordo com o presidente da EBSERH. “Já estabelecemos os procedimentos necessários para a compra de mais de dois mil itens em 55 pregões, com início de entrega já em agosto”, observou. “Para implantação do nosso aplicativo de gestão hospitalar, estamos fazendo a aquisição de 760 novos computadores”, completou.

Dentro de um ano, a previsão é contratar 764 novos profissionais. “Fazendo, progressivamente, a substituição de todos os trabalhadores em situação de precariedade. Há uma situação desafiadora na UFRJ que se arrasta há muitos anos”, afirmou ele em referência aos extraquadros, funcionários sem qualquer direito trabalhista.

As verbas para tantos investimentos virão do novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC): R\$ 50 milhões para aplicação imediata este ano e R\$ 65 milhões em 2025. Além de uma parceria com o Ministério da Saúde: com o programa de qualificação e ampliação dos hospitais universitários (PRHOSUS), serão mais R\$ 211 milhões.

Não será um processo fácil, adiantou o dirigente. “Muitas vezes não se tem noção da complexidade que é a adesão de um hospital. E de um complexo hospitalar com a potência da UFRJ é como trocar os quatro pneus, mais a gasolina, freios, mais o estofamento, mais a direção de um automóvel em movimento. E em altíssima velocidade, porque o hospital não pode parar”, comparou Chioro.

“VAI DAR CERTO”

O reitor Roberto Medronho comemorou a desafiadora transformação que se avizinha. “Não tem como não dar certo. Vai dar certo mesmo. Em prol do ensino, da pesquisa e da assistência de qualidade”, afirmou.

Com a adesão da UFRJ, a EBSERH passa a contar com 45 hospitais, 64.611 trabalhadores — entre estatutários e celetistas — 9 mil leitos e um cenário de ensino e pesquisa para mais de 55 mil alunos e 8,5 mil residentes.

Medronho lamentou a tardia



ASSINATURA O reitor Medronho subscreve o contrato entre o presidente da EBSERH, Arthur Chioro, e o ministro Camilo Santana

adesão da universidade a essa rede. A ideia dos governos petistas era que a UFRJ se tornasse a primeira da fila, dez anos atrás. A proposta, porém, sofreu grande oposição. “Os mais à esquerda associavam a EBSERH a uma privatização e os conservadores, na Câmara, diziam que era mais um estatização. A incompreensão foi muito grande e nós não pudemos celebrar esse contrato naquele momento”.

O professor lembrou que o Clementino Fraga Filho já contou com 450 leitos num passado muito distante, mas ultimamente oferece aproximadamente 200. A diferença, ao longo de tantos anos, pode ter sido fatal. “Quantas pessoas deixaram de ser atendidas e morreram? Essa dívida que nós temos com a saúde da população iremos pagar em dobro. Ampliando número de leitos, ampliando número de cirurgias, ampliando número de

atendimentos especializados”.

COMPROMISSO COM O SUS

O ministro da Educação, Camilo Santana, também celebrou o investimento que vai beneficiar o povo brasileiro. “A EBSERH faz parte do SUS. Esse é o compromisso do MEC com a importância de formar bons profissionais, ampliar as residências médicas, principalmente nas especialidades de que estamos precisando dentro do Programa Mais Médicos, para atender lá na ponta a população”, observou.

Para além da EBSERH, a crise financeira das universidades não passou em branco no discurso do ministro. “Na próxima segunda-feira, teremos reunião com o presidente Lula e todos os reitores. E, se Deus quiser, será para anunciar boas notícias de reforço orçamentário para nossas universidades”.

AUMENTO DOS LEITOS

ATAUAIS - 331 leitos

EM 100 DIAS - 367

UM ANO - 493: aumento de 146 no HUCFF, 12 no IPPMG e 4 na Maternidade Escola.

DIRIGENTES DA EBSERH

Conforme antecipado pelo Jornal da AdUFRJ, o professor Amâncio Paulino assume a superintendência geral do Complexo Hospitalar da UFRJ. Confira a lista completa dos primeiros dirigentes da Ebserh na universidade:

Marcelo Land

- superintendente de ensino e pesquisa;

Paulo Xavier Mendonça

- superintendente administrativo;

Giuseppe Pastura

- superintendente executivo do IPPMG;

Márcia Cristina Bomfim

- gerente de atenção à saúde do IPPMG;

Marcos Freire

- superintendente executivo do HUCFF;

Alberto Chebabo

- gerente de atenção à saúde do HUCFF;

Joffre Amim Jr

- superintendente executivo da Maternidade Escola

Penélope Marinho

- gerente de atenção à saúde da Maternidade Escola

30 ANOS DE NUPEM/UFRJ: A OUSADIA DE UMA CONSTRUÇÃO COLETIVA

Unidade é referência em conhecimento científico da população macaense



RODRIGO NUNES DA FONSECA
Prof. Associado da UFRJ.
Diretor do NUPEM 2014-2022

O Nupem chegou à maturidade. No dia 5 de maio, comemoramos os 30 anos da primeira Unidade Acadêmica da UFRJ fora da sede. Em três décadas, ele mudou de cara, de tamanho e de nome. Hoje chama-se Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, mas conserva a utopia que nos tirou de casa no Fundão e nos trouxe até aqui — o sonho de fazer ciência com excelência no Norte Fluminense.

Tenho um imenso orgulho de integrar a equipe de docentes do Nupem desde 2009, e de maneira rápida, gostaria de mostrar nesse artigo como nos transformamos numa referência bem-sucedida de interiorização da UFRJ e um exemplo para o país. Parece-me que chave é simples e profunda: desde o início nos desdobramos para erguer pontes entre a academia e a sociedade. Somos um modelo de construção coletiva de uma Unidade Acadêmica a ser replicado pelo país, em que o amor e a dedicação diária dos docentes, alunos, técnico-administrativos e membros da comunidade tem feito a diferença numa das regiões mais impactadas por uma atividade extrativista como a do petróleo.

A origem do NUPEM/UFRJ remonta a 1980, quando o grupo de pesquisa do professor Francisco Esteves estudava a ecologia das lagoas costeiras do Norte Fluminense. Em 1995, estabeleceu sua primeira sede em Macaé num galpão de ração cedido pela Prefeitura local.

Ali, Reinaldo Bozelli e Deia Maria junto com dezenas de alunos da UFRJ lecionaram cursos de educação ambiental entre 1995 e 2006 para professores e alunos das escolas públicas de Macaé e região, numa época em que a palavra extensão nem existia no dia a dia da UFRJ. Muitos desses alunos são hoje professores universitários e analistas ambientais das prefeituras do entorno, do IBAMA e ICMBIO.

Assim, ao contrário de muitas faculdades e institutos da UFRJ em que a criação de uma unidade acadêmica começou pelo ensino, o NUPEM nasceu pela pesquisa e pela extensão.

Há outro dado emblemático e que revela nosso pioneirismo. Antes mesmo do programa REUNI, a UFRJ já tinha o seu embrião da interiorização bem estruturado e conectado com a



FOTOS: DIVULGAÇÃO



população de Macaé. Essa sintonia com os macaenses foi rapidamente acolhida pela Prefeitura da cidade que, em 2006, construiu nossa sede com laboratórios didáticos e de pesquisa, alojamento para visitantes e uma biblioteca.

Essa biblioteca leva o nome de Aloisio Teixeira — merecida homenagem ao reitor que cedeu as 13 primeiras vagas docentes de sua reserva técnica para o

Fisiologia e com o Instituto NUTES-CS, respectivamente.

Assim, o NUPEM local tradicional das ciências ambientais tem se transformado cada vez mais numa unidade multidisciplinar, englobando a tríade meio ambiente, saúde e educação, no conceito de saúde única, um dos pilares do desenvolvimento sustentável atual (<https://www.nature.com/articles/s41564-022-01076-1>).

Dentro desse contexto de Saúde, o NUPEM/UFRJ foi recentemente protagonista durante a pandemia de COVID-19. Ajudamos Macaé a se transformar numa das melhores cidades do país no combate ao SARS-Cov2, mas também gerando publicações científicas em uma parceria com a Prefeitura de Macaé, Ministério Público Federal e do Trabalho, FAPERJ, Unimed e diversas empresas Off-Shore. Os mais de R\$ 8 milhões obtidos em equipamentos, obras e bolsas levaram à construção do Laboratório Integrado de Doenças Negligenciadas, onde pesquisas inovadoras em COVID longa, coordenadas pela diretora Cintia Monteiro de Barros, têm sido publicadas em revistas internacionais de destaque.

Por último, é importante destacar o protagonismo do NUPEM/UFRJ na Educação de Macaé, a partir de diferentes projetos com o Centro de Formação Professora Carolina Garcia e diversas Escolas de Macaé. O Fórum do Norte Fluminense de Educação em Ciências tem se transformado num ponto de encontro e de discussões dos diversos projetos Universidade-Escolas.

Assim, o sucesso do NUPEM/UFRJ é uma lição para os pessimistas de plantão que não acreditavam na interiorização da ciência no Estado do Rio de Janeiro. Todo este sucesso somente tem sido alcançado a partir de ações coletivas envolvendo não somente o corpo social do NUPEM/UFRJ, mas também a população de Macaé e região.

Espero que tenhamos sucesso e possamos contribuir na construção de uma Macaé sustentável, socialmente referenciada e com igualdade de oportunidades.

Vida longa ao NUPEM/UFRJ!

NOTAS

CONSUNI DIVIDE R\$ 13 MILHÕES PARA UNIDADES

O Conselho Universitário do dia 6 aprovou a matriz para distribuição do orçamento participativo em 2024. Os conselheiros optaram pelo parecer de vistas do professor Carlos Frederico Leão Rocha, diretor do Instituto de Economia.

A matriz repete os valores de 2023, mas acrescenta verbas ao campus de Caxias e ao Centro Multidisciplinar de Macaé. Para Duque de Caxias haverá aumento de R\$ 23,3 mil. Já para o Centro, o acréscimo é de R\$ 39,47 mil. O valor total a ser distribuído entre todas as decanias e unidades passa de R\$ 12.904.773 para R\$ 12.991.853,95. O incremento é de pouco

mais de R\$ 87 mil. Ficou estabelecido, ainda, o compromisso de o colegiado se debruçar sobre uma nova matriz orçamentária para distribuição de recursos do orçamento participativo a partir de 2025.

Apesar do aumento recebido, houve protesto dos professores de Macaé em relação a todas as propostas que entraram em discussão. Nenhum dos pareceres considerou aportar recursos separadamente para os institutos que compõem o Centro. “O centro é visto apenas como uma unidade simples e o valor fica restrito apenas à decania”, criticou o professor Habib Montoya. Todas as demais decanias têm recursos destinados separadamente para os centros e para as unidades.

REABRIR MUSEU NACIONAL EM 2026 CUSTARÁ QUASE R\$ 180 MILHÕES

Para garantir a reabertura parcial do Museu Nacional em 2026, a reitoria calcula que seriam necessários R\$ 177,9 milhões de investimentos em obras e exposições. O número foi apresentado pela vice-reitora da UFRJ, professora Cássia Turci, em audiência pública da Comissão de Cultura da Câmara dos Deputados, na quarta-feira (5). A atividade aconteceu a pedido da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ). “É uma emoção muito grande



ARQUIVO ADUFRJ

estar aqui podendo falar mais uma vez sobre a reconstrução desse patrimônio fabuloso do nosso país”, disse o diretor do Museu, professor Alexander Kellner. “Nós queremos abrir o museu o quanto antes para as pessoas. Mas precisamos de ajuda”, completou.

UNIVERSIDADES FEDERAIS AJUDAM A COMBATER ENCHENTES NO SUL

> Conhecimento acumulado por professores, técnicos e estudantes das IFES do estado tem sido fundamental para minimizar efeitos da catástrofe, amparar desabrigados e planejar novas ações

RENAN FERNANDES
comunica@adufrj.org.br

Quando o nível de transbordamento do Lago Guaíba ultrapassou a marca histórica de 4,76 metros da enchente de 1941 e atingiu os 5,3 metros, no último dia 5 de maio, a resiliência da comunidade acadêmica das universidades federais do Rio Grande Sul emergiu a serviço da sociedade. Professores, pesquisadores, técnicos e estudantes aplicaram conhecimento científico e trabalho braçal para auxiliar a população durante a calamidade das enchentes. Ações na região metropolitana de Porto Alegre buscaram a promoção do acolhimento aos desabrigados e o combate à desinformação.

O professor Eduardo Rolim de Oliveira, do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e tesoureiro da Adufrgs, recordou os primeiros dias de calamidade e o impacto do trabalho de pesquisadores. “No primeiro momento, muitos professores e alunos participaram como voluntários no resgate e na atenção aos desalojados. Levantamos dinheiro para as Cozinhas Solidárias e fizemos entregas de mantimentos nos abrigos. Com o passar dos dias, cientistas da universidade foram atores principais nos veículos de comunicação para orientar as pessoas e reduzir os danos provocados pelas chuvas”, lembrou.

Levantamento do Jornal da AdUFRJ apontou que o Jornal Nacional usou, entre os dias 7 de maio e 5 de junho, 23 entrevistas ou citações a estudos de professores e pesquisadores das universidades do estado para informar a população. O Instituto de Pesquisas Hidráulicas (IPH) da UFRGS ganhou destaque especial no telejornal. Ao todo, foram quatro entrevistas de docentes do instituto e dois estudos utilizados como fonte para infográficos. O apresentador William Bonner apresentou a edição do dia 14 de maio direto das instalações do IPH, localizado no campus Vale da universidade.

Desde o primeiro dia da enchente, as projeções de transbordamento do Guaíba divulgadas pelo IPH ganharam notoriedade. As simulações criadas pelos pesquisadores que já conhecem a região foram fonte de informação confiável em meio a um cenário de caos e desinformação. Os especialistas em modelagem hidrológica conseguiram prever o nível de subida da água com base nas previsões de chuvas e emitir boletins diários que auxiliaram a Defesa Civil. Outro grupo ficou concentrado em analisar o potencial de deslizamentos de terra no norte do estado.

As análises das manchas de inundação produzidas pelos pesquisadores auxiliaram o poder público e a população na identificação de locais seguros. O professor Guilherme Marques é coordenador do Núcleo de Pesquisas em Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos, vinculado ao IPH, e representante da UFRGS no Comitê de Bacias do Rio Gravataí. “Ano passado, um aluno meu criou um mapa de inundação simulando a inexistência do muro de contenção no cais de Porto Alegre. A mancha projetada no estudo



FOTOS: ROCHELE ZANAVALLI



SOLIDARIEDADE Professores, alunos e técnicos das IFES gaúchas prestaram socorro às vítimas das enchentes e ajudaram a identificar locais seguros para a população



DIVULGAÇÃO

ajudou na evacuação de áreas da cidade nessa cheia”, disse.

Quando o nível da água começou a baixar, o empenho do professor foi direcionado para a prevenção de novas catástrofes. “Precisamos pensar na solução técnica do ponto de vista da Engenharia e também do ponto de vista institucional. Já havíamos constatado os problemas nos diques que falharam em São Leopoldo, mas o município não tinha dinheiro para bancar a obra”, analisou Marques. “Nosso trabalho agora é sugerir instrumentos de gestão para que municípios e estado possam gerir em conjunto para

evitar tragédias. Costumamos dizer que, quando se trata de cheias, a pior enchente é sempre a próxima”, concluiu.

CUIDADO MULTIDISCIPLINAR

A UFRGS foi pouco atingida pelas inundações. Segundo a Secretaria de Comunicação da universidade, apenas o andar térreo da Escola de Administração (foto acima), localizada no Centro Histórico de Porto Alegre, sofreu alagamento, atingindo salas de aula, sala de informática e parte do acervo da biblioteca. Os prejuízos na unidade ainda estão sendo calculados.

A condição segura das estruturas da uni-

versidade permitiu a utilização do ginásio da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid), no campus Olímpico, como abrigo aos desamparados. Nos primeiros dias da enchente, a unidade recebeu 600 pessoas que foram desalojadas pelas chuvas. Hoje, 250 pessoas seguem amparadas no espaço, com direito a quatro refeições por dia e acompanhamento multidisciplinar de docentes da UFRGS.

A professora Luciana Paiva, diretora da Esefid, chegou ao ginásio às sete horas da manhã dia 4 de maio e começou a organizar os voluntários em setores para administrar o abrigo. “Foi tudo muito rápido. Muita gente chegou querendo ajudar, mas de forma desorganizada. Montamos uma escala para os voluntários, designamos funções específicas, como controle de acesso, separação de doações, cuidados com saúde, lazer, higiene, alimentação. Ao todo, dividimos os voluntários em 18 setores”, contou.

Os professores da unidade lançaram um projeto chamado “Movimento Esefid”. O trabalho une os três cursos da Escola para o desenvolvimento de atividades para os desabrigados e aproximar o conhecimento produzido na universidade da comunidade. “O objetivo é atender às necessidades específicas de cada um que passa por aqui, promover lazer e bem-estar. E também cuidar de quem cuida, com atenção à saúde mental dos voluntários”, exaltou a docente.

As necessidades do abrigo demandam conhecimentos de diferentes unidades da UFRGS. Professores e estudantes de Medicina, Enfermagem, Odontologia, Nutrição, Farmácia e Fonoaudiologia formaram uma equipe de saúde para atender às pessoas. Uma força-tarefa do Instituto de Psicologia, Serviço Social e Comunicação Humana prestou suporte psicossocial. Além dos humanos, 70 animais também passaram pelo ginásio e receberam cuidados emergenciais da comunidade da Faculdade de Veterinária. Outras atividades reuniram a comunidade acadêmica para ajudar a sociedade. A Escola de Engenharia divulgou projeto para auxiliar no reparo de eletrodomésticos e instalações elétricas. Alunos e professores da Faculdade de Arquitetura montaram 5 mil rodos desenvolvidos para a remoção de lama e doaram à população. Estudantes da Escola de Administração desenvolveram um guia para ajudar aos desabrigados no processo burocrático de solicitação de auxílios governamentais.

VOLTA ÀS AULAS

Todas as atividades acadêmicas na UFRGS estão paralisadas até o dia 15 de junho. A universidade discute alternativas pedagógicas para o retorno como forma de evitar atrasos no calendário. O professor Eduardo Rolim de Oliveira traçou um panorama dos estudantes de Química como exemplo das dificuldades que impedem o retorno às atividades. “Temos cerca de 40% de alunos que moram fora de Porto Alegre, na região metropolitana. Quem mora em Canoas ou São Leopoldo, por exemplo, ainda tem dificuldade no acesso à capital porque precisam atravessar os rios”, explicou.